

IV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

22 a 24 de setembro de 2010

Laranjeiras-SE/Brasil



IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade ISSN 1982-3657

O ESPORTE COMO SABER ESCOLAR: PROBLEMÁTICAS PARA A FORMAÇÃO HUMANA.

João Carlos Carvalho Queiroz¹

Ana Angélica Freitas Gois²

¹Departamento de Educação Física, CCBS, UFS, SE

²Núcleo de Dança, UFS, SE

joaocarlos_ufs@yahoo.com.br / angelicafiel@yahoo.com.br

RESUMO

Compreender o esporte enquanto saber escolar torna-se uma questão problematizadora para a formação humana, pois além de instrumentalizar saberes, permite a inter-relação com as outras áreas comunicando-se com os principais temas sociais contemporâneos e emergentes, discutido e trabalhado em outras disciplinas, concretizando o processo de aprendizagem interdisciplinar. O esporte possui imensa capacidade de se articular e de se comunicar, configurando-se um importante instrumento para a formação humana. Com o intuito de propor indagações e possíveis reflexões em torno do papel do esporte na escola, foram selecionadas as categorias Estrutura Física, Estrutura Material, Concepção Pedagógica, Metodologia e Avaliação, por entender que as mesmas representam de modo indissociável e inseparável as principais questões que, num panorama de problematizações possibilita que tais análises sejam feitas.

Palavras chaves: Esporte, Educação e Formação Humana.

ABSTRACT

To understand the sport know as school becomes an issue for the problem-human, because in addition to instrument knowledge, allows correlation with other areas communicating with leading and emerging contemporary social issues, discussed and worked on other disciplines, implementing the process of interdisciplinary learning. The sport has immense capacity to articulate and communicate, becoming an important tool for human development. With a view to proposing possible questions and reflections on the role of sport in school, were selected categories Physical Structure, Structure Material, Educational Conception, Methodology and Evaluation, understanding that they represent so indivisible and inseparable from the main issues that, an overview of approach allows such analysis to be made.

Keywords: Sport, Education and Human Formation.

¹ Mestre em Educação, ²Doutora em Educação

¹ Grupo de Pesquisa Esporte, Educação e Sociedade – UFS / CNPq

¹ ²Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação de Sergipe – UFS / CNPq

² Grupo de Pesquisa Artes, Diversidade e Contemporaneidade – ARDICO – UFS / CNPq

“Instruí-vos, porque precisamos da vossa inteligência;
Agitai-vos, porque precisamos do vosso entusiasmo;
Organizai-vos, porque carecemos de toda vossa força”.

Antonio Gramsci.

A epígrafe acima incita-nos a pensar na importância da participação coletiva e inteligente de todos na construção e organização da sociedade, oportunizando, principalmente, às classes subalternas, para a construção de uma nova cultura, com uma concepção integral de mundo, de modo crítico e reflexivo.

Um alerta aos futuros e atuais educadores, para que a práxis educativa traga no bojo da formação humana, a autonomia, o compromisso e a emancipação que todos devem ter com a vida. É apoiado nessa perspectiva, que esse artigo busca apresentar uma análise crítica acerca das categorias Esporte, Saber Pedagógico e Formação Humana, compreendendo o desenvolvimento humano a partir de um processo de aprendizagem baseada em problematizações.

1. Esporte, educação e cultura.

Com o intuito de compreender o fenômeno esporte na contemporaneidade, enquanto componente sócio-cultural e pedagógico estabeleceremos algumas aproximações em torno da sua história e das relações existentes entre os agentes sociais envolvidos.

Presente na complexidade de sua trajetória, na singularidade de sua existência e na amplitude de suas possibilidades, estabelecidas em diferentes locais, configurando-se a partir de sentidos e significados que lhe oportuniza realidade.

Assertivas de ELIAS afirmam que o Esporte é “uma das maiores invenções sociais que os seres humanos [já] realizaram” (ELIAS, 1992: 243), ou seja, aquela que conseguiu se inscrever e permanecer nas sociedades, praticamente em todas as faixas etárias da vida, adquirindo significado e comunicando-se com as mais diversas áreas do conhecimento.

Elias destaca o fenômeno Esporte compreendido enquanto “atividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes” (ELIAS, 1992: 230), ou seja, que se faz necessário que pelo menos duas ou mais pessoas se coloquem disponíveis para experimentar a prática esportiva, enfatizada na participação que libera tensões e gera sensações agradáveis a competições que busca superar limites e possibilidades.

O Ministério do Esporte compreende o esporte a partir de três grandes áreas de concentração - o esporte competitivo, o esporte participativo e o esporte educacional. Como agora nos interessa refletir em torno do esporte educacional, seguiremos discutindo nessa perspectiva, sem desconsiderar que todas as áreas de concentração dialogam e que estabelecem nexos que as caracterizam.

O esporte enquanto elemento pedagógico na escola vem, na atualidade, recebendo um tratamento especial, pois além de instrumentalizar saberes, permite a inter-relação com outras áreas, quando trabalhadas. Pois, é nesse lócus privilegiado, que o esporte se transpõe, comunicando-se com temas sociais contemporâneos e emergentes, com outras disciplinas e principalmente, na concretização do processo de aprendizagem. O esporte, enquanto componente educativo assume assim, um significativo papel para a formação humana e no processo interdisciplinar.

Compreender esse processo é possibilitar o acesso ao amplo conhecimento deste fenômeno, em torno de seus componentes de aprendizagem que geram a capacidade para a ação. Ou seja, é buscar conhecer sua história, suas regras e suas características de jogo, a dinâmica que o sustenta, independente da posição que se ocupa: enquanto espectador ou jogador.

Por meio da vivência de inúmeras experiências possibilitadas no esporte, podemos vislumbrar contribuições para a construção de autonomia e da socialização, estimulando de modo individual ou em grupo, a busca por soluções frente a dificuldades e/ou problematizações.

Assim, ele, o esporte, foi e é percebido e tomado como um importante meio para a instrumentalização educacional. Do ponto de vista da educação, o esporte indica algumas perspectivas para sua compreensão pedagógica. Assertivas de HILDEBRANDT-STRAMANN (2003) apresentam algumas delas:

O Esporte como algo socialmente regulamentado, o Esporte como algo a ser aprendido, o Esporte como algo a ser assistido, o Esporte como algo a ser refletido e o Esporte como algo a ser modificado.

Essas perspectivas indicam de maneira ampla e complexa o modo como se trabalhar em torno desse fenômeno.

Educação (do latim *educare*, que tem origem em *e/ex ducere* - ação de se desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais). *E/ex* significa de, saindo de; *Ducere* significa levar. Educação seria um *levar* partindo do que se é, do que se tem. Esse pressuposto é fundamental, porque condiciona o *para onde* se caminha. Embora a etimologia da palavra

não determine necessariamente a acepção, inspira, contudo novas possibilidades de interpretação, o que quer dizer novas possibilidades de vivência.

Para Saviani, devemos entender a educação enquanto processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social global, ou seja, esta deve comprometer-se com a inserção dos indivíduos que pretende formar, no contexto de informações que a atual “sociedade do conhecimento e da informação” exige, preparando-os para o mundo do trabalho, com as competências necessárias ao seu desempenho técnico, político, humano e ético de produção de sua existência.

Educar significa, pois, fazer o educando descobrir o saber necessário para viver com dignidade, ou seja, é preciso compreendê-la enquanto elemento de libertação, promoção e desenvolvimento do homem e da mulher, na qual não se pretende negá-la nem tão pouco ocultá-la, mas sim, compreendê-la para que possa superá-la.

Importante destacar que, para a existência dessa superação, é preciso que, além de ser instrumentalizado, se adquira e se construa um novo posicionamento crítico frente à vida e a sociedade, de maneira comprometida, autônoma e emancipada. Pois como destaca Gramsci quando discute o princípio educativo, a educação deve oportunizar a todos tornarem-se líderes, individuais e coletivos. Caso não venha assumir liderança coletiva, que se tenha educação suficiente para controlar àqueles que irão te governar, ou seja, que a educação assegure o desenvolvimento integral do ser humano, abolindo-o dos monopólios culturais, instrumentalizando-o para o trabalho e para a participação na vida social.

Nessa mesma perspectiva, o GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO DA UFPE – UFSM, compreende a educação como

“uma parte da socialização geral, isto é, aquele setor de interações e socialmente regulamentadas, nas quais o jovem, no seu processo de desenvolvimento, é qualificado a aprender maneiras culturais de uma sociedade e prosseguir no seu desenvolvimento, e neste processo de qualificação tornar-se uma pessoa independente responsável” (1991: 33)

O que significa dizer, o processo de individualização - liderança individual e a socialização geral - liderança coletiva.

Vê-se assim que a educação representa o campo organizado pelo qual, os indivíduos são instrumentalizados, e partem para a construção e concretização de suas realidades, configurando-se assim, num ato político, tanto por parte de quem a faz como de quem a recebe. A formação humana desenvolve-se a partir das diversas influências do meio em que se está inserido, transformando ou acomodando-se a ele.

A práxis educativa, que “forma” o subalterno ou dirigente, faz parte de uma opção que o educador e a escola têm, seja ela consciente ou não. Esta opção de como educar se reflete na forma como a escola se organiza, digo, a quem ela possibilita a participação e o que ela ensina ou deixa de ensinar. A função da escola é ensinar, instrumentalizando e democratizando saberes a todos, pois se assim não fosse, não teria razão para sua existência.

FREIRE destaca que

“o ser humano só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo (...) não há ser humano absolutamente inculto: o ser humano “hominiza-se” expressando, dizendo o seu mundo. Aí começa a história e a cultura (...)” (1983:13).

A categoria cultura é tratada geralmente como a parte *hominis*, distinto do homem: algo que interfere na vida do homem, mas está como que do lado de fora. Diz-se sistema, seja simbólico, seja organizativo, seja de adaptação, etc. O defeito que se vê nessas abordagens reside na tentativa em acreditar que há algo fora do homem. Todos podem afirmar que tudo é humano, mas o entendimento que têm essa expressão é de produção, esta aí: pode ser decomposto e analisado em seus múltiplos aspectos.

O pior enfoque é que muitos acabam acreditando que o produto existe em si – está ali! – e influenciando crianças e jovens, modificando o ser, expropriando-os de criticidade.

É preciso compreender a cultura não como um produto, mas, conservando este enfoque de produção, enfatizando o produtor, a ação produtora. Produzir, agir, fazer; nada mais são que expressões do grande verbo ativo que é o verbo ser: o ser humano é e, em sendo, está ativo, atuando em várias direções.

Seu atuar pende do que é. Seu é atual condiciona seu agir, tanto nas escolhas do que fazer, quanto na forma que esse fazer se realiza. Tudo que o ser humano faz é produção, sustentação, acrescentamento do seu é.

Podemos catalogar “o que o ser humano é” em uma diversidade de categorias com linguagem, símbolo, organização familiar, social, hábitos, valores, outros. Essas categorias têm por finalidade ajudar a aprofundar a atenção na análise de nossa realidade. Podem, contudo tornar-se tão importantes que desviam o ser humano da totalidade que ele é, valorizando meramente aspectos.

O aspecto vira produto. Nos dias de hoje, vira mercadoria: desvalorizando o ser humano que é, desvalorizando sua utilidade.

O “é” é um todo, indivisível, ou seja, é uno. Como tal, o “é” se projeta. Seu estágio de ser não deve ser analisado em função de um produto. O produto é que deve ser analisado enquanto encaminhamento assumido pelo é visando o mais, visando seu desdobramento. Ser não indica imobilidade, como culturalmente é passado. Ser tem que ser compreendido como vir a ser, tornar-se.

A cultura tem que ser tomada como a forma do ser, na sua atualidade. Em sendo processo, a forma acontece em transformação. Como a transformação se faz sempre à base da forma atual (vigente), observa-se nesse processo a permanência de uma semelhança. Essa permanência não tem prazo de validade: pode durar milênios. É por isso que nos permitimos a descrever as semelhanças ou traços permanentes, como algo válido: Cultura.

A cultura se define, pois, como transformação; redundantemente, como transformação da forma de ser. Cultura deveria, portanto, ser um termo empregado no plural, já que não se constitui num complexo unificado coerente, mas sim, num conjunto de “significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”, que são construídos socialmente, variando, portanto, de grupo para grupo e de uma época a outra (BURITY, 2002:15).

A cultura é a forma de ser de um grupo social, ou seja, os elementos que compõem todo um repertório de experiências que se inscrevem durante nossa existência que nos permite avançar no modo como nos reconhecemos em nossa trajetória humana. Por falar em experiência, torna-se importante destacar que o termo experiência e seus derivados expressa uma carga muito forte em torno de seu significado. Pois procura evidenciar-se inicialmente no ato de provar, experimentar, vivenciar, viver.

PAIVA destaca que o vocábulo Experiência não deve ser tomado como adjetivação do sujeito, mas como sua própria substância enquanto concretude. Etimologicamente, o *ex* indica um movimento “para fora”; o *per*, radical de *περάω*, *perao*, atravessar, de *περαινω*, *peraino*, ir até o limite, sugere uma travessia que o eu realiza como que para fora, quase um desdobramento, dentro dos seus limites (possibilidades, potencia), o que nos permite pensar a experiência como o modo de ser do eu. Ou seja, “Experienciar” torna-se num só momento simples e complexo, abstrato e concreto, lúdico e sensível, aparente e real, superficial e profundo, enfim, tudo ao mesmo tempo, experiência.

O corpo que experimenta, relaciona-se à cultura e ao movimento, organizando possibilidades, construindo pensamentos em torno de objetos, acontecimentos ou fenômenos.

Partindo do pensamento de GEERTZ que compreende o corpo como síntese da cultura, vê-se que o corpo teve ao longo da história diversos olhares e interpretações, muitas

vezes, recebendo estigmas que lhe caracterizavam com caráter depreciativo: elegante, discreto, saudável, sensual, ridículo, sarado, bombado, gostoso, feio, inteiro, fraco, gordo, esquelético, entre outros. Adquirindo ao longo da história, vários “modelos” aceitos e perseguidos culturalmente.

Ao analisar o corpo e a cultura nas sociedades em diferentes momentos históricos, pode-se perceber que “o homem aprende a cultura por meio do seu corpo e o que define o corpo é o seu significado, não só nas semelhanças, mas também pelas diferenças construídas por cada sociedade” (DAÓLIO, 1998:40), ou seja, o corpo humano precisa ser a um só tempo, muitos corpos. Todos eles conformados, ou não, com suas possibilidades e limitações.

O Ser Humano, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração. DAÓLIO destaca que mais do que um aprendizado intelectual, os indivíduos adquirem um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões (1997:53).

Vê-se assim que “sendo” corpo que o ser humano se hominiza, se educando e se aculturando, recepcionando nesse processo, a cultura esportiva, instrumentalizando-o enquanto ser humano que pensa, que se posiciona e que toma partido.

2. O Esporte como saber escolar.

A escola e a Educação Física, espaço e instrumento para a práxis pedagógica, encontram-se numa travessia, entendendo esta, como uma ação política que se constrói e se reconstrói no processo contínuo de desenvolvimento.

Afirmar a Educação Física na Escola como práxis educativa de intervenção profissional é criticá-la para transformá-la. A práxis na Teoria crítica, opção defendida aqui nesse artigo, estuda as diferentes manifestações e expressões na cultura de movimento, estimulando o conhecer, o assistir e o praticar, tematizadas nas diferentes dimensões da ginástica, do jogo, do esporte, do lazer, da dança, das lutas, bem como outras manifestações emergentes de mesma natureza.

Como tornar isso possível, na medida em que o esporte legitima-se na modernidade com princípios seletivos, excludentes e competitivos?

Para pensar o esporte enquanto componente educativo trabalhado na contemporaneidade é preciso compreendê-lo a partir de uma lógica mercantilista, a qual entende-o enquanto um produto a ser consumido e reproduzido segundo as Leis do Mercado.

Para cumprir esse intento, devemos partir de qual agente? do Professor? do Aluno? do Processo? do Mercado?

Sem se pautar em generalizações, ainda é possível encontrarmos na atualidade, aulas de educação física estruturadas na obsolescência, redução gradativa e conseqüente atrofia, ou seja, uma prática que se configura num círculo vicioso de crescente mercantilização da Educação Física. Aquela que, estruturada na superficialidade e no descompromisso, organiza-se de modo descartável, por meio de “brincadeiras” que mais se parecem, representações teatrais ou shows de calouros.

Com o intuito de propor indagações e possíveis reflexões para essas questões, apresentaremos, num panorama de problematizações, as seguintes categorias que permitirão, para esse momento, que sejam feitas análises acerca do esporte enquanto saber escolar. São elas: Estrutura física, estrutura material, concepção pedagógica, metodologia e avaliação.

Estrutura Física –

Historicamente, os alunos matriculados na maioria das Faculdades e Universidades no Brasil, estão ainda sendo formados, na crença de que o trabalho a ser desenvolvido com o esporte se dará em quadras esportivas cobertas, com linhas pintadas das principais modalidades, tabelas e traves de gol, enfim, toda estrutura que permite a prática esportiva qualificada.

Quando nos permitem conhecer essa prática, vemos que a realidade é outra. A quadra, quando existe, é precária, tabelas, nunca existiram naquela quadra, as traves são improvisadas com sobras de madeira, enfim, uma realidade nunca antes sonhada. E aí, o que fazer, ou o que não fazer?

É preciso adaptar espaços, materiais e gente, não no sentido de conformidade, mas no sentido da transformação, superando com criatividade o próprio modo de se experimentar a Educação Física, aproximando realidades, muitas vezes diferentes de uma mesma cultura, a ponto de transformá-la e superá-la. Cada escola tem uma realidade e é a partir desta que poderemos concretizar experiências significativas.

Expropriar crianças e adolescentes de experienciar o esporte por falta de estrutura física, não é uma atitude de profissionalismo, nem mesmo um ato de repúdio com quem quer que seja, é oferecer “o nada” para que seja compreendida como prática “qualificada” e a partir desse descaso, pactuar na mediocridade e sustentar-se no vazio.

Parafraseando Dajvan em sua música *Esquinas* quando pergunta: “Sabe lá, o que não ter e ter que ter pra dar, sabe lá”.

Reflico numa outra posição: a dos alunos. “Sabe lá, o que é querer aprender a jogar e não ter ninguém para ensinar, sabe lá.

Ou seja, é preciso que haja comprometimento por parte dos professores na qualificação das práticas educativas, afim de que se possa materializar uma força política capaz de pressionar e transformar as Estruturas Institucionais para a construção de espaços apropriados para a prática esportiva bem como na concretização de políticas mais afinadas com a realidade social das comunidades.

Estrutura material –

Bolas, cones, cordas, plintos, redes, colchões, entre outros; todos necessários para o desenvolvimento das aulas de educação física. E quando não existem esses materiais? O que fazer?

Sem dúvida, qualquer aula se torna muito mais atraente e qualificada se apresentar materiais apropriados, mas na falta desses, pode-se utilizar dos chamados materiais alternativos como opção. Garrafas pets viram cones, meias velhas e papéis velhos tornam-se bolas, corda de varal com jornal viram redes de vôlei, cestos de palha, tornam-se cestas de basquetebol, enfim, muitos materiais.

Agora, o melhor: todas essas sugestões criativas vieram de alunos do ensino fundamental II que tive contato. Ou seja, vê-se que é a partir de uma pedagogia dialógica que poderá ser construída a criatividade das aulas da Educação Física.

Esta proposta sugerida apresenta-se como uma reflexão em torno da triste realidade vivida pela maioria das escolas públicas e dos professores que vivem a mendigar por melhores condições de trabalho na Educação Física. Esta proposição intenta ser um dia, uma opção para tornar as aulas de educação física criativas, ou seja, tirando os alunos das quadras esportivas com bolas oficiais e experimentando novas possibilidades.

Concepção Pedagógica na Educação Física –

Higienista, militarista, tecnicista, desenvolvimentista, construtivista, humanista, crítica superadora, emancipatória, rola bola, dentre outras. Essas são parte das muitas

concepções existentes. Todas expressam intencionalidades em torno de suas proposições e em suas ideologias.

Muitas vezes, percebe-se que as escolas, por meio dos seus Projetos e planejamentos, mantêm-se confusas em torno de concepções. Às vezes pelo excesso, noutras, pela carência.

A pior opção talvez vivida seja aquela que busca se legitimar na ausência de uma concepção. Muito parecido com um expectador, que deslumbrado com tantas informações, não consegue compreender a dinâmica do que assiste – nem da unidade para o todo, nem do todo para a unidade – nem suas relações, tão pouco sua contradição.

Qual é a melhor concepção? A ou B? C ou D?

A incompreensão sugere uma reflexão em torno de uma criança frente a um brinquedo que tanto sonha possuir, não tendo poder para adquirir, tão pouco capacidade para brincar.

As atuais Concepções Pedagógicas para a Educação Física propõem diversos avanços, e o que se percebe, diante dessas muitas possibilidades, é a impossibilidade para posicionar-se, crítica e reflexivamente, em torno de alguma das concepções, ou de todas elas. O modo apresentado para que se faça a apreensão das propostas educativas e dos conteúdos a serem trabalhados na escola, não apresentam diretrizes de como fazer ou não trazem em suas proposições, possibilidades de análise para a construção da práxis.

Ou seja, algumas são organizadas de modo superficial, impedindo avanços em torno de um posicionamento crítico, o que poderia concretizar transformações. Enquanto outras, com textos densos e complexos, tornam-se não ou mal compreendidas, por falta de um arcabouço teórico por parte de professores, que pudesse compreendê-la e praticá-la.

Metodologia nas aulas de Educação Física –

Quando nos dispomos a refletir sobre qual metodologia utilizar para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, devemos nos questionar por qual caminho queremos seguir? Ou seja, qual caminho “atende”, professores e alunos, contextualizados em suas diferentes realidades e a realidade concreta de cada sociedade?

Caminhos sugerem algo “seguro”, já caminhado, encantado, livre, percorrido por grandes nomes, sejam homens ou mulheres. E os descaminhos? Estes talvez nos remeta a uma cena “errada”, ainda não trilhada, difícil de prosseguir, quase uma selva, algo meio intransponível.

E agora, caminhos ou descaminhos?

Durante muitos anos, carregamos “certezas” que nos mostravam quem era o mau e quem era o bem. Momento no qual saberíamos reconhecer quais eram seus espaços e seus alcances. Talvez pela maturidade ou pela necessidade, nos encontramos obrigados a conhecer e reconhecer outras alternativas metodológicas, chamadas antes, de descaminhos. E por incrível que possa parecer, hoje são por meio dessas metodologias alternativas que estão sendo discutidas possibilidades para a construção de processo educativos, sendo essas, frutos de análise e aprofundamento em torno dos atuais caminhos.

Alguns se consideram críticos. A partir do que são feitas essas críticas? Que categorias de análise sustentam suas críticas?

Quando proponho descaminhos, proponho como alternativa da realidade, na qual devemos retornar para reconhecemo-nos enquanto sujeitos. É quase uma re-aproximação do *modus vivendis*, uma re-ligação do vivenciar orgânico.

Sustentadas na “perspectiva crítica de ensino”, o que se vê na atualidade, são aulas pouco planejadas, acrílicas e descompromissadas do ensino e da aprendizagem, ou seja, orientam-se por objetivos mercadológicos, tanto da mídia, quanto do mercado. A mídia espetaculariza o esporte, a educação e as pessoas; o mercado, aliena e desfigura as realidades – tornando-as líquida, ao mesmo tempo tão próximas, ao mesmo tempo tão distantes.

Assim se concretiza o esporte enquanto componente pedagógico na maioria das escolas – um produto para ser consumido, praticado e defendido, só não compreendido nem criticado. A mídia, expõe, propõe e embala, o consumidor recebe, consome e aceita. Isso se chama educação.

Assertivas de FREIRE destacam que a educação tratada de maneira alienada e descompromissada com a vida e com as pessoas, também é educação, mas é educação pra quê?

Dito de outro modo, o método assumido e adotado pelos Professores é sem dúvida uma questão fundamental no processo educativo, pois pelo método, pode-se oportunizar e oferecer aos alunos uma significativa experiência de vida – partilhar da sua própria construção humana. Discutindo, questionando, problematizando, decidindo e concretizando, o sentido de suas ações. Significa, nas indicações feitas pelo GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO DA UFPE – UFSM, os alunos apresentarem “suas opiniões e realiza(rem) suas experiências, que resultam das suas histórias individuais da vida cotidiana” (1991: 33) .

Significa que as aulas de Educação Física devam ser concebidas a partir de problemas concretos sociais, ou seja, será necessário “voltar” ao princípio do processo

educativo: a realidade concreta. Tudo isso para que as aulas de Educação Física possam ser, melhor compreendidas, refletidas e transformadas. Reconhecendo-a no sentido e no significado de suas ações realizadas.

Não se pautando em esquemas espetacularizados e mercantilizados de maneira alienada, revestidos e travestidos enquanto mercadoria, na qual as crianças ficam sem infância, adolescentes sem juventude e adultos sem maturidade, carentes por não terem sido, nem crianças nem adolescentes.

É preciso que o esporte na escola seja tratado como um campo de intervenção profissional que, por meio das diferentes manifestações e expressões da cultura de movimento, concretize utopias e promova transformações. Superar a visão positivista que compreende o movimento predominantemente enquanto comportamento motor. O movimento é parte da experiência humana, e os seres humanos são fundamentalmente seres sociais que produzem e são produzidos na Cultura e no movimento.

A visão ingênua e inocente que enfatiza o processo de desenvolvimento da criança como natural e não sócio-cultural precisa ser superada. Buscam-se compreender a criança em si, e não a criança situada social, cultural e histórica.

Segundo BRACHT, o que determinará o uso que o indivíduo fará do movimento (na forma de esporte, jogo, trabalho manual, lazer, agressão à outros e à sociedade, etc.) não é determinado em última análise, pela condição física, habilidade esportiva, flexibilidade etc., e sim pelos valores e normas de comportamento introjetados (incorporados), pela condição econômica e pela posição na estrutura de classes de nossa sociedade. (1992)

A práxis pedagógica das aulas de Educação Física deve ensinar o gosto do esporte. A partir de aulas problematizadoras e prazerosas, e por que não dizer, humanas. Não esquecendo que convivemos com o constante desafio de educar numa sociedade que se transforma cada dia de maneira mais veloz, que se faz e se desfaz com impressionante rapidez.

As chamadas Metodologias Ativas, as quais utilizam problematizações para a concretização da aprendizagem, apresentam um novo olhar no campo metodológico. A Aprendizagem Baseada em Problemas – ABP, pelo uso de problemas do dia-a-dia – observação, estudo e intervenção na realidade – apresenta-se como método alternativo pelo qual, estudantes, poderão aprender e desenvolver suas habilidades, adquirindo novos e aprofundados conhecimentos sobre a ciência e a vida, superando-os a partir da realidade.

Processo de Avaliação –

Avaliar significa o quê? Avaliar é necessário pra quê?

É possível delimitar o alcance da avaliação? Quem avalia o avaliador?

Historicamente a avaliação educacional teve sua sistematização a partir dos jesuítas no século XVI, com a criação do *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesus* (Ordenamento e Institucionalização dos Estudos na Sociedade de Jesus), usualmente conhecido como *Ratio Studiorum*, o qual buscava examinar os alunos no final do ano letivo.

Talvez pareça ousado questionar esse processo, mas historicamente a avaliação ainda se apresenta de punitivo, fato que revela a fragilidade no processo educativo, bem como do excesso de conservadorismo que ainda se expressa na manutenção do “poder”, como um dos principais elementos para vir a ser superado.

No campo da educação física não é diferente, a avaliação se apresenta de modo seletivo e segregador, classificatório e excludente, como forma da manutenção de controle e poder. É preciso mudar não esquecendo que pensar a reforma precede reformar o pensamento.

Qualificar a avaliação é dar sustentação ao processo que busca conhecer a qualidade da educação, ou seja, é considerar os pontos fortes e as fragilidades inscritas no processo que busca educar.

Compreender a avaliação significa dizer, incorporá-la enquanto práxis pedagógica, democrática e humana. Constatada na realidade na qual está sendo concretizada a partir de uma visão qualificada, praticada e assumida.

Assertivas de Luckesi demonstram que o ato de avaliar, deve subsidiar permanente a inclusão do educando no processo educativo.

A avaliação não exclui, a avaliação é um dos principais instrumentos para a inclusão, pois valoriza sempre o resultado mais afirmativo, qualitativamente mais saudável.

Avaliar o esporte nas aulas da Educação Física é estabelecer a significativa conexão entre o que se objetiva e o que se realiza durante o processo de aprendizagem. Enfim, é o constante exercício de planejar e re-planejar por meio das diferentes características - técnicas e de modalidades – que o esporte oferece, dando sentido e significado ao *Ser* que o pratica.

Considerações Finais – para além do ensinar...

O movimento humano deve ser compreendido não apenas enquanto um gesto mecânico e/ou técnico, mas sob a ótica das ciências humanas e sociais, as quais permitem que sejam criadas relações para uma compreensão mais ampla e significativa.

Movimento para Assmann, significa uma “avançada tarefa social emancipatória” (ASSMANN, 1998:26), pois é a partir do se-movimentar que se inicia uma consciência em torno do seu próprio corpo, de sua cultura e do movimento.

É a partir da experiência promovida e/ou vivida que se inicia a construção desse arcabouço teórico-prático e dialógico acerca do esporte no cenário escolar.

Torna-se importante destacar que a experiência também se concretiza no momento que esse corpo vive o esporte na escola, provando, experimentando, conhecendo, assistindo e participando de diferentes maneiras, comunicando-se com as outras manifestações, construindo coletivamente, avaliando coletivamente, vivenciando experiências em espaços alternativos – com materiais alternativos.

A formação humana ocorre no âmbito do esporte escolar quando Estado e Sociedade Civil partilham da construção e concretização dessas ações educativas, dialogando coletivamente a cultura, a realidade e as necessidades sociais.

Não se pode negar o valor que o esporte, enquanto fenômeno histórico-cultural ocupa nas sociedades mundiais. Assim, investir no esporte enquanto saber escolar é sem dúvida valorizar e utilizar-se de uma das mais importantes ferramentas pedagógicas que se tem na atualidade: aquela que possibilita que as muitas áreas de conhecimento e ciências concretizem a interdisciplinariedade, o que, sem dúvida, poderá vir a responder as principais problematizações para a formação humana.

O esporte encontra-se presente nos mais longínquos espaços, em diversas culturas. De diferentes formas e sentidos, é Esporte.

A formação dos seres humanos carece de experiências qualificadas em torno do esporte. Desprovidos dessas experiências, crianças e jovens têm dificuldades para concretizar seus sonhos e utopias. É preciso que a educação seja praticada a partir da experiência e da problematização para a promoção da vida que construímos e às liberdades que usufruímos.

A partir de uma nova abordagem, o Indiano Amartya Sen responde a esta crítica sugerindo que se removam diversas restrições que limitam às escolhas e oportunidades das pessoas que buscam viver bem e por muito mais tempo. Propõe que o desenvolvimento aconteça com Liberdade: política, econômica, social, cultural, educativa, dentre outras.

Considerando que a maioria das sociedades contemporâneas, nas quais estamos inscritos, organizam-se enquanto sociedades de consumo e de mercado, precisamos refletir

criticamente o que estamos construindo enquanto liberdade de escolha? Isso, em termos da educação que fazemos e recebemos.

Será que o Esporte trabalhado nas aulas de Educação Física são frutos da liberdade de escolha ou de uma liberdade ilusória, mágica?

Percebe-se que o Esporte trabalhado como saber escolar enquanto contributo para a formação humana na atualidade é escolher entre coisas prontas, isto é, teorias, práticas e concepções pré-determinadas e concebidas. Como superá-las?

Entendendo que as Sociedades Capitalistas existentes, procuram incentivar as pessoas para que percebam apenas como única liberdade, a liberdade de escolher qual mercadoria consumir, vê-se que, o que impede que indivíduos superem-se e emancipem-se na vida cotidiana, é a (in)capacidade de refletir sobre o “dado”, o “posto” e o necessário, ou seja, a existência humana cotidiana se divide em tempo de trabalho – produção - e tempo de lazer - liberação de tensões – na qual os indivíduos “tem” uma liberdade domesticada, (des)compromissada consigo e com os outros, sem tempo e criticidade para reflexões.

Assim, vê-se que significativa parcela da sociedade da mercadoria faz da passividade - “escolher” e consumir - a liberdade ilusória que se deve atingir a todo o custo, enquanto que, de fato, como seres ativos e críticos - na produção e na vida, ainda somos não-livres, ou seja, espetadores de espetáculos produzidos pelo mercado; seja na (re)produção de aulas, seja no consumo de mercadorias educativas que buscam (de)“formar” “sujeitos” para as Sociedades (de)formadas.

Pela liberdade com que o esporte se materializa nas sociedades e pela importância que o saber escolar tem na formação humana, pode-se afirmar que expropriar crianças de escolaridade e de experiências qualificadas, é condená-las para o resto de sua vida. A formação humana qualificada não é um compromisso de muitos, é compromisso de todos.

Construir possíveis avanços, sem desconsiderar a complexidade das relações sociais, historicamente vividas pelos educadores, torna-se possível se compreendermos que “a liberdade tem para mostrar milhares de encantos que os escravos, ainda que contentes, nunca saberão” (SEN, 1999: 75).

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H. **Reencantar Educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre, RS: Magister, 1992.
- BURITY, J. A. (org.) **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe – UFSM. **Visão didática de Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991. Coleção Educação Física – Série Fundamentação
- ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Volume 1.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1995.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE¹, P. **Pedagogia do oprimido**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____, **Educação como prática da Liberdade**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____, **Educação e Mudança**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- _____, **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. 2ª Ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2003.
- KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 5ª Ed. Ijuí: Unijui, 2003.
- MANACORDA, M. A. **O Princípio Educativo em Gramsci**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1990.
- MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política: Livro I – Volume I**. 21ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SAVIANI, D. **EDUCAÇÃO: do senso comum à consciência filosófica**. 15ª Ed. São Paulo: Autores Associados, 2000.
- SEN, A. **Desenvolvimento com liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.